



ENTREVISTA

LUIZ FERNANDO SANTORO: A RÁDIO USP SEMPRE TEVE CONCEITOS DE DIVERSIDADE, CRIATIVIDADE E PLURALIDADE PARA COMPREENDER O PÚBLICO GERAL

Lenize Villaça¹

RESUMO: A entrevista aborda a gestão à frente da Rádio USP, entre 1985-1987, de Luiz Fernando Santoro, professor doutor do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Entre suas realizações estão a transmissão da programação ao vivo, o aumento da variedade musical e a oportunidade à novos gêneros e formatos radiofônicos como o Programa de Índio (1985), apresentado por Ailton Krenak, eleito Imortal da Academia Brasileira de Letras, ABL, em 2024. Santoro também criou um Conselho Editorial inédito para a emissora composto por Marilena Chauí, José Marques de Melo, Gaudêncio Torquato, José Arthur Gianotti, o reitor da Universidade de São Paulo à época, Antônio Hélio Guerra Vieira, Flávio Fava de Moraes e Sylvio Ferraz de Mello. Atuou ainda em prol da cultura popular, oferecendo mais espaço para o programa O Samba Pede Passagem, com apresentação de Moisés da Rocha, figura icônica do samba paulista.

PALAVRAS-CHAVE: *Luiz Fernando Santoro. Rádio. Rádio Universitária. Rádio USP.*

¹ Jornalista, Relações Públicas e Pós-Doutoranda pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, sob supervisão do professor doutor Luiz Fernando Santoro. Email: lenizevillaca@gmail.com

ABSTRACT: The interview addresses the management at the head of Rádio USP, between 1985-1987, of Luiz Fernando Santoro, professor at the Department of Journalism and Publishing of the School of Communications and Arts of the University of São Paulo. Among his achievements are the transmission of live programming, the increase in musical variety and the opportunity for new radio genres and formats such as Programa de Índio (1985), presented by Ailton Krenak, elected Immortal of the Brazilian Academy of Letters, ABL, in 2024. Santoro also created an unprecedented Editorial Board for the station composed of Marilena Chauí, José Marques de Melo, Gaudêncio Torquato, José Arthur Gianotti, dean of the University of São Paulo at the time, Antônio Hélio Guerra Vieira, Flávio Fava de Moraes and Sylvio Ferraz de Mello. He also acted in favor of popular culture, offering more space for the program O Samba Pede Passagem, presented by Moisés da Rocha, an iconic figure of São Paulo samba.

KEYWORDS: *College Radio Stations. Luiz Fernando Santoro. Radio. Rádio USP.*

INTRODUÇÃO

Luiz Fernando Santoro é professor doutor e leciona no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP) desde 1988, tendo começado como professor assistente em 1982. Possui graduação em Comunicação (Rádio e TV) pela ECA-USP (1977), mestrado em Artes Contemporâneas pela Université de Provence, França (1979) e doutorado em Ciências da Comunicação pela USP (1988). Entre 1985 e 1987 foi diretor geral da Rádio USP.

Santoro ministra aulas de graduação no Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE) e atua como professor nos cursos de especialização, no nível lato sensu, Comunicação Pública Governamental, no Departamento de Relações Públicas, e de Gestão da Comunicação: Políticas, Educação e Cultura, no Departamento de Jornalismo, ambos na ECA.

É líder de pesquisa em Produção Audiovisual e, na pós-graduação, orienta mestrandos, doutorandos e pós-doutorandos que desenvolvem suas investigações conectadas com a temática da produção audiovisual e comunicação pública.

O docente foi coordenador de TV da Fundação Roberto Marinho - Rede Globo, FRM. É conselheiro e consultor da Associação de Comunicação Educativa Roquette

Pinto, ACERP, no projeto da TV Escola e da Fundação para o Desenvolvimento das Artes e da Comunicação, FUNDAC, responsável pela gestão da TV Justiça, Rede ALESP, e EWBTv da CAPES, entre outras emissoras públicas.

É um dos vencedores do Prêmio Vladimir Herzog de Direitos Humanos, categoria documentário especial de TV, com o Tribunal da Terra, da TV dos Trabalhadores, em 1986.

Foi Membro da Congregação da Escola de Comunicações e Artes da ECA/USP entre março de 2021 e março de 2023. Atua no campo da Comunicação, nas áreas de televisão, vídeo, rádio, realização de documentários, comunicação comunitária, convergência tecnológica e políticas públicas. É diretor e produtor de programas de podcast, TV e vídeo.

Luiz Fernando Santoro concedeu entrevista à autora deste artigo no laboratório de Radiojornalismo João Walter Sampaio Smolka, do CJE, em 20 de junho de 2024, como parte da pesquisa de pós-doutorado em desenvolvimento sobre os 50 anos da Rádio USP a serem celebrados em 2027.

Santoro lembrou sua carreira como radialista e produtor de vídeo, assim como a experiência *in loco* com o movimento das rádios livres na Europa, além de momentos marcantes durante sua administração à frente da Rádio USP, de 1985 a 1987, entre os quais, quando foi o responsável pela emissora passar a transmitir a programação ao vivo.

Lembranças como a inédita criação de um conselho editorial para a emissora, composto por expoentes da comunicação como José Marques de Melo, Gaudêncio Torquato, Marilena Chauí, José Arthur Gianotti, o reitor da USP à época, Antônio Hélio Guerra Vieira, Flávio Fava de Moares, além do próprio Santoro, também foram citadas nesta entrevista.

A diversidade de temas, conteúdo e formatos era outra marca vanguardista de sua gestão como o Quintal Encantado para o público infantil e o Programa de Índio, idealizado pelo movimento indígena e tendo como um dos apresentadores Ailton Krenak, eleito Imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL) em 2024, o primeiro indígena a ocupar uma cadeira na ABL.

Lenize Villaça – Santoro, como você recebeu o convite para administrar a Rádio USP?

LUIZ FERNANDO SANTORO - Quem me convidou foi José Marques de Melo², quando ele estava na direção da Coordenadoria de Comunicação Social, a CCS, órgão diretamente ligado à Reitoria da Universidade de São Paulo, responsável pela comunicação em toda a USP. Na realidade, antes de vir o convite, já haviam me perguntado como é que eu enxergava a emissora, o que eu poderia acrescentar, já que era tida como de vanguarda e o então diretor, Mario Fanucchi³, estava terminando seu mandato. Inclusive o Fanucchi foi meu professor quando fui aluno na ECA, entre 1973 e 1977. Eu aceitei e foi desafiador sob vários aspectos. Primeiro porque em 1985 eu já era professor concursado no CJE e podia me dedicar com afinco à Rádio USP, por exemplo, eu ficava de manhã, tarde, saía de noite e ainda ministrava aulas normalmente. E segundo, porque o Fanucchi já tinha uma visão bastante progressista, de experimentar, e eu precisava deixar uma nova marca. Aí cheguei com ideias um pouco mais arrojadas e propus colocar a Rádio USP ao vivo, porque era inteira gravada, e de ter um estúdio só para gravação de programas experimentais. E assim foi. E eu herdei uma equipe muito boa na época com profissionais renomados no mercado que já estavam na emissora como, por exemplo, o André Barbosa Filho, que foi coordenador do curso de Jornalismo da Universidade Metodista de São Paulo e coordenador artístico da emissora, e o Abílio Manoel⁴, radialista, compositor de jingles e trilhas sonoras, que cuidavam da parte musical. Eu achava, e ainda acho, que em uma rádio universitária tem que ter

² José Marques de Melo integrou o corpo docente fundador da Escola de Comunicações Culturais, foi criador e primeiro Chefe do Departamento de Jornalismo e Editoração e Diretor da ECA. Contribuiu com a formação de inúmeros pesquisadores e publicou dezenas de livros referências para a área de Comunicação, além de outras realizações. Nasceu em 1943 e faleceu em 2018. (Diretoria [...], 2018)

³ Mário Fanucchi foi um dos pioneiros da televisão no Brasil. Ao se aposentar como jornalista profissional, dedicou-se a lecionar disciplinas ligadas ao rádio e à televisão como professor da ECA, além de coordenar a Rádio USP. Nasceu em 1927 e faleceu em 2022. (Carneiro, 2022)

⁴ Abilio Manuel Robalo Pedro foi um cantor, compositor e produtor musical português radicado no Brasil. Nasceu em 1947 e faleceu em 2010. (Dicionário MPB, s/d)

experimentação de formatos, conteúdo, de propostas que as rádios comerciais não podem dar conta. Então, nós criamos um estúdio só de experimentação, a partir de propostas e ideias de pessoas que vinham não só da USP, mas de fora, também. Fazíamos um piloto (experimental), avaliávamos o programa do ponto de vista da viabilidade artística, jornalística, conteudista e em termos de tratamento sonoro. Quando era aprovado, virava um programa regular na emissora de tal modo que tivemos dezenas que estrearam dentro dessa lógica e dessa metodologia de trabalho. Essa foi a marca da minha administração.

Lenize Villaça – Santoro, por que, antes, a Rádio USP não tinha programas ao vivo?

LUIZ FERNANDO SANTORO – Havia uma *playlist* e os programas musicais, em geral, eram pré-gravados porque já havia vinhetas de anúncio (“Vocês vão ouvir agora...”) ou desanúncio das músicas (“Vocês acabaram de ouvir”) gravadas pelos locutores que eram utilizadas pelos apresentadores, que pouco falavam entre as músicas. Isso ocorria durante a semana. No sábado e no domingo era tudo absolutamente gravado, a emissora praticamente funcionava sozinha. Então, quando instituímos o “ao vivo”, isso mudou completamente, porque falávamos o horário, a previsão do tempo e passamos a dar notícias de hora em hora, com um boletim. A Rádio USP passou a ser mais viva e factual. Para isso, os apresentadores tradicionais da emissora foram mantidos no que já faziam ou produziam e com os novos programas estreando, colocamos mais vozes novas e plurais do que havia até então.

23

Lenize Villaça – Houve adesão a esta nova diretriz ou você enfrentou resistência?

LUIZ FERNANDO SANTORO – Resistência alguma. O André Barbosa e o Abílio Manuel, já citados, foram muito importantes nesta nova fase da minha gestão para que tudo corresse bem porque eles tinham um profundo conhecimento do funcionamento da emissora, de música brasileira e, sobretudo, de música instrumental. Então a Rádio USP também tocava música instrumental de selos que ninguém conhecia, não só dos grandes selos como a Sony. Nós fomos inovadores nisso também. Trabalhávamos com selos da Vila Madalena, alternativos e isso foi muito importante, porque inclusive depois tivemos

programas de humor com esses grupos na própria emissora. Por exemplo, tivemos o Premeditando o Breque, hoje conhecido somente como Premê, grupo musical criado por estudantes da USP, que depois veio a se destacar no cenário musical nacional pelas suas letras irreverentes e bem-humoradas. O Língua de Trapo, outro grupo que promovia apresentações com conteúdo humorístico em diversos ritmos musicais. Damos espaço para que esses artistas desconhecidos na época fizessem programas radiofônicos carregados de humor, com músicas bem-humoradas e letras completamente diferentes, o que era extremamente original. Na minha gestão, a Rádio USP ofereceu esse ambiente acolhedor para manifestações artísticas completamente ausentes na mídia tradicional e isso deu muito resultado positivo, nos deixando extremamente satisfeitos⁵.

Lenize Villaça – Quando você fala em resultado, refere-se à audiência, certo?

LUIZ FERNANDO SANTORO – Sim, alguns programas tinham boa audiência e o pessoal da universidade brincava comigo: “Mas Santoro, olha, eles são mais lidos do que ouvidos”. Diziam isso porque foram publicadas diversas matérias na Folha de S. Paulo, Folha Ilustrada, O Estado de S. Paulo, revista Som Três, entre outras diversos veículos de comunicação, que repercutiam a programação⁶. As pessoas brincavam que a Rádio USP era mais lida do que ouvida. Como um dos focos da minha gestão eram as experimentações completamente inusitadas, isso dava retorno. De vez em quando, retornos muito críticos também Aí eu fiz uma proposta para o reitor da USP da época, o professor Antônio Hélio Guerra Vieira, que chamávamos de Hélio Guerra, de criar um conselho editorial para a Rádio USP para que as decisões fossem legitimadas, ou não. Mas com amparo editorial, entende?

⁵ De acordo com a reportagem de OESP, Caderno 2, p. 17, em 04 abril de 1985, intitulada “Rádio USP, alterações refletem a democracia”, a emissora conseguiu que sua audiência oscilasse entre 5º e 10º lugares entre as emissoras da cidade de São Paulo, com um público eclético que variava do universitário ao trabalhador braçal”. (Nota da autora)

⁶ Alguns desses títulos estão listados nas Referências, no fim deste artigo. (Nota da autora)

Lenize Villaça – E este conselho nunca havia sido instituído antes na emissora?

LUIZ FERNANDO SANTORO – Não, era uma novidade. E, como falei há pouco, ter esse conselho editorial era uma forma legal e legítima de validar essas ideias progressistas que eu havia implementado, por conta dessas críticas que recebíamos, sobretudo de setores mais conservadores da própria universidade. O reitor topou a ideia e o conselho foi composto por Gaudêncio Torquato, Coordenador de Comunicação Social da USP, o próprio reitor da USP, o professor Hélio Guerra, os professores Marilena Chauí e José Arthur Gianotti, ambos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH, Sylvio Ferraz de Mello, diretor do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas - IAG, o professor Flávio Fava de Moraes, do Instituto de Ciências Biomédicas – ICB, que depois viria a ser reitor da universidade entre 1993 e 1996 e, por mim, diretor da emissora.

Lenize Villaça – E por que estas pessoas especificamente, Santoro? Era pela pluralidade de opiniões e representatividade acadêmica que tinham? Era esse o critério?

25

LUIZ FERNANDO SANTORO – Isso, eram pessoas com muito prestígio dentro da universidade e eu tinha a oportunidade de me reunir com elas a cada dois ou três meses, para expor o que eu pensava para a Rádio USP, os novos programas e, felizmente, todos tinham um pensamento muito progressista, do ponto de vista acadêmico. Por conta disso, conseguíamos validar muitas das experiências que eram feitas na emissora tanto da parte musical, como já contei, como também de novos conteúdos e formatos como, por exemplo, o Programa de Índio, que preconizava a união das nações indígenas. Os autores eram Angela Pappiani, jornalista formada pela USP, na época casada com Ailton Krenak, líder indígena, ambientalista, filósofo, os dois propuseram o programa que eu achei interessantíssimo, em ter os próprios indígenas falando dos seus problemas, desafios e, sobretudo, do massacre que eles sofriam em todo território nacional e colocamos na programação. Eles convidavam pessoas indígenas de várias tribos de todo o país para dar

depoimentos, todo domingo à tarde, na Rádio USP, em um programa ao vivo⁷. E o pessoal dizia: “Mas Santoro isso não tem audiência... Quem é que vai ouvir domingo à tarde, ainda mais com esse nome e temática?”. E eu respondia: “Bom, muitas vezes você faz uma tese de doutorado para cinco pessoas lerem... Quer dizer, isso tem sentido em relação à audiência? Então, eu acho que tem sentido, sim, a Rádio USP abrir esse espaço.” Para você ver como são as coisas, agora é uma temática completamente atual, mas nos anos 1980 não era. E, sem contar, que o Ailton Krenak hoje é um Imortal da Academia Brasileira de Letras, ABL⁸. De qualquer forma, esse relato é apenas um exemplo. Mas há inúmeros outros com situações de diversas experimentações as quais recebiam validação, ou não, desse grupo de professores do Conselho Editorial.

Lenize Villaça – Santoro, o Programa de Índio foi destaque em reportagens televisivas, impressas que reforçavam que a iniciativa era um sucesso e estava acontecendo em uma rádio universitária, no caso, a Rádio USP. Foi tudo isso mesmo? O que você lembra desse fenômeno?

LUIZ FERNANDO SANTORO – Foi e isso tem um desdobramento interessante. Não era apenas um programa que passava na Rádio USP, que ficava restrito ao circuito de São Paulo. Eram tiradas cópias em fita-cassete e a Ford Foundation, por meio do antropólogo Peter Fry⁹, que coordenava a fundação no Rio de Janeiro à época, apoiava nosso programa distribuindo essas fitas por várias aldeias. Isso, 40 anos atrás. Apesar desse tipo de ação não ser inédita, porque o próprio cineasta francês Jean-Luc Godard (1930 - 2022) fez isso em aldeias africanas, de distribuição de material, mas em vídeo, nos anos 1960 e início dos anos 1970, quando surgiu o *videotape* portátil. Mas no Brasil era novidade. Quem

⁷ Em junho de 1985 foi ao ar, pelos 93,7 MHz da rádio USP de São Paulo a primeira edição do Programa de Índio, apresentado por Álvaro Tukano, Ailton Krenak e Biraci Yawanawá. A primeira experiência do povo indígena do Brasil em rádio. Uma iniciativa do Núcleo de Cultura Indígena, braço oficial da União das Nações Indígenas. (Pappiani, 2012, p.1)

⁸ Ailton é professor *honoris causa* pela Universidade Federal de Juiz de Fora e uma das maiores lideranças do movimento indígena brasileiro, com reconhecimento internacional. (UFJF, 2016)

⁹ Peter Fry nasceu na Inglaterra e naturalizou-se brasileiro. (FGV CPDOC, s/d)

havia feito algo similar aqui foi o indigenista e documentarista Vincent Carelli¹⁰, um projeto também dos anos 1980, mas ele fazia algo como registrar pontos de vista mais antropológicos, danças, manifestações culturais, enfim, em vídeo.

Lenize Villaça – Mas essa distribuição em áudio para aldeias era completamente inédita?

LUIZ FERNANDO SANTORO – Era inédita. E essa foi uma das razões das reportagens que surgiram não só na TV Globo, mas na Folha de S. Paulo, revista Vejinha de São Paulo, entre outras mídias, porque era novidade. Volto a enfatizar que na universidade, a cultura indígena era realmente considerada como conhecimento, como uma cultura que deveria ser reconhecida, validada. Então esse espaço da Rádio USP para experimentação, para o inusitado, era o ponto central da minha gestão. Isso valeu para o Programa de Índio, mas valia também para os programas de informática, humor, valia para programas musicais completamente diferentes. E dou um exemplo nesse sentido, quando eu entrei, eu falei: “Olha, eu não quero ouvir a mesma música na mesma semana. Vocês vão ter que dar um jeito.” E me responderam: “Ah, mas aqui as gravadoras têm a música de trabalho, a gente recebe aqui CD etc.”. E eu reforcei: “Eu não quero ouvir a mesma música toda semana. Eu quero ter uma coisa diversificada, eu quero ser surpreendido a cada três minutos, seja por uma música, seja por uma notícia, seja por um programa sobre literatura, divulgação científica, tanto faz. A Rádio USP tem que surpreender, tem que fazer com que o ouvinte se interesse pelo que a rádio fala. E assim foi...”

27

Lenize Villaça – Nesse sentido, há uma história com o dia 1º de maio, não é?

LUIZ FERNANDO SANTORO – Sim, teve um 1º de maio e evidentemente, dentro da minha gestão, que tinha a proposta totalmente aberta, decidimos tocar a Internacional¹¹

¹⁰ Filho do artista plástico brasileiro Antônio Carelli, e de mãe francesa, Vicent nasceu em Paris, mas veio morar em São Paulo aos cinco anos. Foi criador do Vídeo nas Aldeias (1987), projeto que formava cineastas indígenas. (Enciclopédia Itaú Cultural, 2024)

¹¹ A Internacional é um hino internacionalista, sendo também uma das canções mais conhecidas de todo o mundo. A letra original da canção foi escrita em 1871 por Eugène Pottier, revolucionário e *communard* francês, após a derrota militar da Comuna de Paris. (Vermelho, 2021)

para abrir o programa temático e isso foi um escândalo. O jornal O Estado de S. Paulo fez matéria sobre isso, mas nós fizemos um programa explicando o que era o 1º de maio, a data, com depoimentos, reportagens sobre a luta dos trabalhadores, o histórico dessa luta. Então esse tipo de experimentação a Rádio USP chegou a fazer na minha época. Fizemos também alguns programas experimentais com leitura dramática de peças radiofônicas com a Escola de Arte Dramática – EAD, com peças que nunca tinham sido lidas, como Bonitinha, mas Ordinária, de Nelson Rodrigues. Então você vai me dizer, bom, mas não tem audiência.... Não, não tinha audiência, tinha reconhecimento.

Lenize Villaça – E você se lembra de outros programas tão inusitados quanto?

LUIZ FERNANDO SANTORO – As meninas do curso de Rádio e TV tinham um programa infantil chamado Quintal Encantado. É claro que o sentido era muito mais experimental do que busca de audiência, mas ocupava um espaço que não existia nas outras emissoras¹². Programas de literatura, programa infantil, programa de informática. A Rádio USP tinha essa magnitude, muitas vezes eu recebia a crítica que não havia uma coerência na programação. E eu pensava, a coerência é exatamente ter essa diversidade, não só de públicos, mas de conteúdo. Eu entendo como uma soma de todos, não uma linha editorial de cabo a rabo na emissora. A linha editorial era de experimentação.

28

Lenize Villaça – Santoro, você manteve algum programa da gestão do Fanucchi ou não?

LUIZ FERNANDO SANTORO – Uma parte, porque a Rádio USP sempre teve essa vocação, a ideia de programas inusitados. Mas criamos todos esses que acabamos de mencionar. O que aconteceu no tempo em que eu fiquei na direção é que isso se multiplicou. Pulamos, talvez, de dez, quinze programas na grade, para quarenta. Houve um salto muito grande de novos parceiros que vieram fazer programa na emissora e muita gente interessante. O próprio jornalista Roberto Muiyler, que na época estava na TV

¹² Após a estreia e sucesso do Quintal Encantado, a FM Brasil 2000 lançou Alô Sampinha e Teatro Infantil, também aos domingos pela manhã. (No Rádio [...], 1986, p. 6)

Cultura e foi presidente da Fundação Padre Anchieta, posteriormente, fez um programa durante alguns meses, na área da cultura na Rádio USP. E depois ele ainda foi presidente da Fundação Bienal de São Paulo. O programa dele tinha um olhar que só a Rádio USP podia proporcionar à época. Quem faria uma entrevista com um artista plástico da Bienal? Só a Rádio USP poderia, naquele momento, fazer isso.

Lenize Villaça – Nossa, muito interessante uma pessoa da sociedade civil, com este perfil, ter um programa em uma rádio universitária, não?

LUIZ FERNANDO SANTORO – E havia vários outros setores da sociedade que também faziam propostas de programa, como o Centro Cultural Vergueiro, que produzia um programa sobre os anos 1960 em todos os seus aspectos. Enfim, não eram só os funcionários da rádio e nem os alunos da USP. Tínhamos alunos da Universidade Metodista que faziam um programa, chamava-se Não Tranca Que Lá Vem Alavanca, era de humor. Depois teve o programa com o Língua de Trapo, sábado, como eu já mencionei. Tinha gente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, a PUC, então, havia várias outras faculdades que se interessavam em propor programas, assim como cidadãos como o Muylaert. Também profissionais da área como o próprio Geraldo Leite¹³, pessoas que que trabalhavam com rádio, que sempre tiveram interesse em fazer algum programa na Rádio USP, exatamente pelo espaço de experimentação e pela liberdade editorial de conteúdo.

29

Lenize Villaça – Santoro, você teve um contato com o movimento das rádios livres entre 1978 e 1979, quando estava fazendo mestrado em Artes Contemporâneas pela Université de Provence, na França. Inclusive, há publicações suas nesse sentido. Eu queria saber se essa experiência democrática foi um embrião que te ajudou a conduzir uma gestão tão experimental e democrática na Rádio USP?

¹³ Geraldo Leite é radialista, músico do Grupo Rumo, publicitário e escritor. Produziu Noite Alta, Raízes do Rock e Retoque (Bandeirantes FM); Controle Remoto (Cultura FM), Radio Terapia (USP FM), entre outros trabalhos. (Rádio Deleite, 2021)

LUIZ FERNANDO SANTORO – Foi. O conceito de rádio livre, de dar a palavra a quem não tem a palavra, enfim, de ter um conteúdo diferente, essência das rádios livres, do movimento de rádios livres da Itália, França, eu trouxe para minha experiência com o vídeo. Na verdade, quando eu voltei para o Brasil, eu não só tive contato com as emissoras, com as rádios livres, como eu tive contato com algumas pessoas que estavam começando um movimento similar no vídeo e que me fascinou. Em minha dissertação chamei de vídeo popular. Na verdade, eu tive contato com duas pessoas que foram muito importantes na época para mim. Um deles era o Fred Forest, um *videomaker* francês, que usava o vídeo junto aos movimentos sociais, registrando e dando a palavra a essas pessoas e projetando-as. Ele tinha um livro que falava sobre videoarte e intervenção. E num dado momento, aqui no Brasil, fazer TV fora da TV passa a ser possível em termos tecnológicos. Então, eu fiz isso pela primeira vez inspirado pela obra do Forest e ações que ele fazia pelo mundo afora. E, ao mesmo tempo, havia recebido um livro de presente, das mãos do filósofo Vilém Flusser¹⁴, publicado pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts, MIT, que falava da possibilidade de se fazer televisão fora dos estúdios e equipamentos complexos de TV, de se deixar de lado uma tecnologia muito sofisticada e pessoas comuns poderem fazer produção audiovisual. Com isso na cabeça, participei da fundação da TV dos Trabalhadores, mantida pelo Sindicato dos Metalúrgicos do ABC e da Associação de Vídeo Popular, ABVP, exatamente com esse conceito. Não só o som, como as rádios livres faziam, mas com a imagem. Fiquei entusiasmado em imaginar que o trabalhador podia registrar uma greve sob o olhar que ele mesmo tinha sobre o movimento, que as pessoas podiam falar o que elas queriam, ser produzido, editado e transmitido sem a intermediação de um repórter. Tudo isso foi muito importante para mim no início dos anos 1980. E sempre com esse conceito de dar a palavra a quem não tem a palavra. De fazer com que ideias diferentes circulassem na sociedade. Esse foi o tema

¹⁴ Vilém Flusser foi um filósofo checo-brasileiro. Nasceu em Praga, em 12 de maio de 1920. Durante a Segunda Guerra Mundial, mudou-se para o Brasil fugindo do nazismo e se estabeleceu em São Paulo, onde atuou por cerca de 20 anos como professor de filosofia, jornalista, conferencista e escritor. Era poliglota. Faleceu em Praga em 27 de novembro de 1991. (Flusser Studies, s/d, tradução nossa)

principal de minha tese de doutorado, publicada posteriormente com o título “A imagem nas mãos”, em 1988.

Lenize Villaça – Então estava mesmo lançado aí o embrião para sua gestão mais aberta e de experimentações na Rádio USP, não?

LUIZ FERNANDO SANTORO – Sim, porque para o rádio, leva-se exatamente o mesmo conceito, de fazer com que certas ideias possam circular na sociedade. O vídeo, na época, era exibido em locais fechados, em salas de aula, escolas e, de repente, eu chego em uma emissora de rádio que tinha um alcance de 500 quilômetros de raio, que chegava no sul de Minas Gerais, que tinha uma antena no pico Jaraguá, uma rádio com a potência de rádios comerciais de renome como a Eldorado, Bandeirantes, enfim, com audiência. A partir daí, começamos a fazer uma rádio educativa que tinha uma qualidade completamente diferente, mas era produzida profissionalmente, não era feita de qualquer jeito. Tecnicamente, esteticamente, era uma rádio bem-acabada, o locutor era um bom locutor, a sonorização era bem-feita, os operadores de áudio eram excelentes profissionais. Então não era uma emissora improvisada, apesar de ser pública. A Rádio USP sempre foi uma rádio muito profissional. E até hoje, né?

31

Lenize Villaça – Interessante você falar isso porque acho que muitas vezes as pessoas pensam, erroneamente, que o rádio universitário pode ser feito de qualquer jeito. E você traz justamente o contrário, que se pode produzir com qualidade profissional dependendo da proposta e das pessoas que estão na equipe, certo?

LUIZ FERNANDO SANTORO – E sempre deixando muito claro que a parte técnica operacional sempre foi dos profissionais da USP. Nós avançávamos no conteúdo, na criação, e a realização tinha o apoio dos profissionais. Quando fazíamos os programas-piloto, os técnicos, os operadores, eram profissionais. Os criadores, apresentadores, conteudistas, roteiristas, era outra coisa, outro olhar. E isso para mim sempre foi muito

importante, ter muita relevância nesse tratamento, no acabamento muito bem-feito do ponto de vista técnico e estético. Para isso, nos valíamos dos profissionais da rádio.

Lenize Villaça – E você era chamado para falar sobre essa gestão da Rádio USP em outros lugares?

LUIZ FERNANDO SANTORO – Bom, no meio radiofônico, não! Eles nunca me chamaram para falar em nenhum ambiente de associação de rádio e TV, por exemplo, mas na área acadêmica eu acabei sendo convidado para muitas palestras, para falar sobre os programas da rádio, isso aconteceu bastante. Inclusive, aqui dentro da USP, a rádio teve reconhecimento. Mesmo as pessoas que não ouviam a emissora, se apropriavam da rádio, tinham esse sentimento, orgulho, de que era uma rádio da USP.

Lenize Villaça – Um sentimento de pertencimento, você quer dizer?

LUIZ FERNANDO SANTORO – Sim, não só entre os funcionários, mas, sobretudo, na parte acadêmica. Você conversa hoje com muita gente que já estava na USP no momento da minha gestão e de alguma forma, como aluno ou como professor, eles lembram da Rádio USP dessa época, de alguma experimentação ou repercussão.

32

Lenize Villaça – Santoro, você nunca pensou em ter um programa de rádio?

LUIZ FERNANDO SANTORO – Olha, por incrível que pareça, um pouco antes da minha gestão na Rádio USP, o professor e jornalista Carlos Eduardo Lins da Silva havia criado uma revista chamada Crítica da Informação, na qual eu escrevi artigos, em praticamente todos os números publicados. Aí eu fiquei muito tentado a fazer um programa de crítica da informação, no rádio, o que era inédito, mas acabei não realizando. A gestão em si, e as aulas, consumiam muito meu tempo e, quando saí da Rádio USP fui trabalhar na Fundação Roberto Marinho, depois para a TV dos Trabalhadores e nunca levei essa ideia para a frente.

Referências

Sites:

<https://cpdoc.fgv.br/entrevistados/peter-fry>

<https://dicionariompb.com.br/artista/abilio-manoel/>

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa202595/vincent-carelli>

<https://flusserstudies.net/flusser>

<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/05/27/programa-de-indio-indigenas-na-radio-brasileira-nos-anos-1980>

<https://radiodeleite.com.br/news-7-gerald-leite-volta-pro-radio>

<https://vermelho.org.br/2021/06/20/a-internacional-o-hino-dos-trabalhadores-completa-150-anos/>

Bibliográficas:

33

CARNEIRO, Mariana. Morre o jornalista Mário Fanucchi, pioneiro da televisão brasileira. **Jornal da USP**. São Paulo, USP. 24 ago. 2022. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=556028>. Acesso em: 03 nov. 2024.

DIRETORIA da Escola de Comunicações e Artes. Morre José Marques de Melo, um dos maiores pensadores da comunicação no Brasil. **Jornal da USP**. São Paulo, USP. 20 jun. 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=175204>. Acesso em: 03 nov. 2024.

NO RÁDIO, para crianças. **O Estado de S. Paulo**. Caderno 2, p. 6, 21 jun. 1986. Acervo O Estado de S. Paulo.

PAPPIANI, Angela. Programa de Índio: criando uma ponte sonora entre as culturas. **Novos Olhares**, São Paulo, Brasil, v. 1, n. 1, p. 107–118, 2012. DOI: 10.11606/issn.2238-7714.no.2012.51452. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/51452>.

RÁDIO USP, alterações refletem a democracia. **O Estado de S. Paulo**. Caderno 2, p. 17, 04 abr. 1985. Acervo O Estado de S. Paulo.

SANTORO, Luiz Fernando. **Imagem nas mãos**: o vídeo popular no Brasil. 1988. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

UFJF concede título de professor Honoris Causa a Ailton Krenak. Campus e Comunidade. **UFJF Notícias**. Juiz de Fora, MG. 15 fev. 2016. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/2016/02/15/ufjf-concede-titulo-de-professor-honoris-causa-a-ailton-krenak/> Acesso em: 01 nov. 2024.